

UMA ABORDAGEM VARIACIONISTA DA NASALIZAÇÃO ESPÚRIA DO /I/ NO DIALETO QUILOMBOLA

A VARIATIONIST APPROACH TO THE SPURIOUS NASALIZATION OF /I/ IN THE QUILOMBOLA DIALECT

UN ENFOQUE VARIACIONISTA DE LA NASALIZACIÓN ESPURIA DE /I/ EN EL DIALECTO QUILOMBOLA

Diocles Igor Castro Pires Alves¹, Ana Cristina Santos Peixoto²

DOI: 10.54899/dcs.v23i93.6546

Recibido: 10/07/2026 | Aceptado: 03/08/2026 | Publicación en línea: 10/08/2026.

RESUMO

Este trabalho, Uma abordagem variacionista da nasalização espúria do /i/ no dialeto quilombola, investiga o fenômeno da nasalização espúria da vogal /i/ na fala da comunidade quilombola gurutubana, localizada no norte de Minas Gerais. O problema da pesquisa consiste em compreender quais fatores linguísticos e sociais condicionam a ocorrência desse processo fonético, caracterizado pela nasalização da vogal sem a presença de contexto fonético favorecedor. O estudo objetiva descrever e analisar a nasalização espúria do /i/, identificando as variáveis linguísticas e extralinguísticas que favorecem ou desfavorecem sua realização. A pesquisa fundamenta-se na Teoria da Sociolinguística Variacionista, especialmente nos pressupostos de William Labov, dialogando também com autores como Mollica, Tarallo, Cezário e Votre, Martelotta e Meyerhoff. A metodologia é de natureza quantitativa e qualitativa, baseada em entrevistas sociolinguísticas realizadas com 24 informantes da comunidade pesquisada. O corpus compreendeu 43 ocorrências do fenômeno, analisadas por meio do programa GoldVarb 2001, considerando variáveis linguísticas (segmento precedente e vogal-alvo) e sociais (sexo, faixa etária, escolaridade e nível de contato urbano). Os resultados indicam que a nasalização espúria ocorreu em 38% dos dados analisados, sendo favorecida principalmente pelo contexto inicial da palavra, pela vogal /i/, pelo sexo feminino e pelo menor contato urbano. A escolaridade não se mostrou um fator determinante, contrariando a hipótese inicial dos autores. A análise também revelou que o fenômeno apresenta estabilidade na comunidade, configurando-se como um traço característico do dialeto quilombola gurutubano e contribuindo para o conhecimento da diversidade linguística do português brasileiro.

Palavras-chave: Nasalização Espúria. Sociolinguística Variacionista. Comunidades Quilombolas.

¹ Doutor em Linguística pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Porto Seguro, Bahia, Brasil.
E-mail: dioclesigor@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9260-1310>

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), Porto Seguro, Bahia, Brasil.
E-mail: anacrisletras@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0108-0674>

ABSTRACT

This paper, A Variationist Approach to the Spurious Nasalization of /i/ in the Quilombola Dialect, investigates the phenomenon of the spurious nasalization of the vowel /i/ in the speech of the Gurutubana Quilombola community, located in the northern region of the state of Minas Gerais, Brazil. The research problem consists of identifying the linguistic and social factors that condition the occurrence of this phonetic process, characterized by the nasalization of the vowel in the absence of a favorable phonetic context. The study aims to describe and analyze the spurious nasalization of /i/, identifying the linguistic and extralinguistic variables that favor or disfavor its occurrence. The research is grounded in Variationist Sociolinguistic Theory, particularly the assumptions proposed by William Labov, while also drawing on the contributions of scholars such as Mollica, Tarallo, Cezário and Votre, Martelotta, and Meyerhoff. The methodology combines quantitative and qualitative approaches, based on sociolinguistic interviews conducted with 24 speakers from the investigated community. The corpus comprised 43 occurrences of the phenomenon, which were analyzed using the GoldVarb 2001 software, considering both linguistic variables (preceding segment and target vowel) and social variables (gender, age group, educational level, and degree of urban contact). The results indicate that spurious nasalization occurred in 38% of the analyzed data and was primarily favored by word-initial position, the vowel /i/, female speakers, and lower levels of urban contact. Educational level was not found to be a determining factor, contrary to the authors' initial hypothesis. The analysis also revealed that the phenomenon is stable within the community, constituting a characteristic feature of the Gurutubana Quilombola dialect and contributing to a broader understanding of the linguistic diversity of Brazilian Portuguese.

Keywords: Spurious Nasalization. Variationist Sociolinguistics. Quilombola Communities.

RESUMEN

Este trabajo, Un enfoque variacionista de la nasalización espuria de /i/ en el dialecto quilombola, investiga el fenómeno de la nasalización espuria de la vocal /i/ en el habla de la comunidad quilombola gurutubana, ubicada en el norte del estado de Minas Gerais, Brasil. El problema de investigación consiste en comprender qué factores lingüísticos y sociales condicionan la ocurrencia de este proceso fonético, caracterizado por la nasalización de la vocal sin la presencia de un contexto fonético favorecedor. El estudio tiene como objetivo describir y analizar la nasalización espuria de /i/, identificando las variables lingüísticas y extralingüísticas que favorecen o desfavorecen su realización. La investigación se fundamenta en la Teoría de la Sociolingüística Variacionista, especialmente en los postulados de William Labov, dialogando también con autores como Mollica, Tarallo, Cezário y Votre, Martelotta y Meyerhoff. La metodología es de carácter cuantitativo y cualitativo, basada en entrevistas sociolingüísticas realizadas con 24 informantes de la comunidad investigada. El corpus estuvo compuesto por 43 ocurrencias del fenómeno, analizadas mediante el programa GoldVarb 2001, considerando variables lingüísticas (segmento precedente y vocal objetivo) y sociales (sexo, grupo etario, nivel de escolaridad y grado de contacto con el entorno urbano). Los resultados indican que la nasalización espuria ocurrió en el 38 % de los datos analizados, siendo favorecida principalmente por la posición inicial de la palabra, por la vocal /i/, por el sexo femenino y por un menor contacto con el medio urbano. El nivel de escolaridad no se mostró como un factor determinante, contradiciendo la hipótesis inicial de los autores. El análisis también reveló que el fenómeno presenta estabilidad en la comunidad, configurándose como un rasgo característico del dialecto

quilombola gurutubano y contribuyendo al conocimiento de la diversidad lingüística del portugués brasileño.

Palabras clave: Nasalización Espuria. Sociolingüística Variacionista. Comunidades Quilombolas.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

Este estudo, cujo objeto é a análise de processo variável relacionado a nasalização espúria detectadas no dialeto dos quilombolas gurutubanos – Norte de Minas Gerais –, pretende ser mais uma contribuição às pesquisas sobre o PB. Para investigar o processo variável de nasalização espúria do /i/, analisamos a falta de contexto favorecedor à nasalização dessa vogal, como em “educado” [ɛ]ducado ~ [∇®]ducado e “igreja” [ɪ]greja ~ [∇®]greja. Além de descrever e analisar tal processo identificamos os fatores linguísticos e sociais que favorecem ou que desfavorecem a ocorrência dos três fenômenos nessa variedade do português.

A nasalização espúria é caracterizada pela falta de contexto favorecedor à nasalização da vogal /i/, como em “igual” [∇®]gual. Assim, a vogal oral é nasalizada sem a presença de nenhum segmento sonoro nasal na cadeia sonora do item lexical para que ocorra uma assimilação.

Na nasalização espúria, estão envolvidas as vogais orais [E], [e] e [i], que passam a ser articuladas como vogal nasalizada [∇®]. Observamos que a vogal nasalizada [∇®] é usada em substituição às vogais orais [E], [ɛ] e [ɪ], como em, por exemplo, “educado” [E ~ e ~ i]ducado, que passa a [∇®]ducado, e “igual” [ɪ]gual, que passa a [∇®]gual, em contextos que não apresentam segmento sonoro nasal na cadeia sonora do item lexical para possibilitar assimilação.

Em nossos dados, há registros de nasalização espúria em ambientes específicos: em início de palavra e em posição de sílaba átona (por exemplo, [∇®]ducado, [∇®]greja, [∇®]gual). Amaral (1976, p. 6) descreveu o dialeto rural de São Paulo e observou que itens lexicais como “igual”, “eleição”, “exame” e “exemplo” são pronunciados como “inzame<exame, inguá<igual, inzempro<exemplo, inleição<eleição”. Nesses casos, as vogais [E], [ɛ] e [ɪ] são substituídas pela vogal nasalizada [∇®]. Amaral explica:

[...] a nasalação de e inicial seguido de x é fenômeno observado em tempos afastados da língua [portuguesa], em palavras como: enxame<examen, enxada<exada, enxuto<exsuctum. Enxemplo, encontra-se nos escritores mais antigos. Do mesmo modo, inliçon (eleição). (Amaral, 1976, p. 6).

Sobre a comunidade investigada compreende remanescentes de escravos e fazem parte de uma comunidade quilombola situada no vale do rio Gorutuba, no Centro-norte de Minas Gerais, cujo povos são denominados de Gurutubanos. Conforme Costa Filho (2008), trata-se de uma população numerosa, estabelecida em 27 localidades ou grupos locais, distribuídos na confluência dos municípios do centro norte-mineiro de Pai Pedro, Porteirinha, Jaíba, Janaúba, Gameleira, Catuti e Monte Azul. Comunidade quilombola é entendida neste trabalho nas palavras de Arruti 2006:

[...] categoria social relativamente recente, [que] representa uma força social relevante ao meio rural brasileiro, dando nova tradução àquilo que era conhecido como comunidades negras rurais (mais ao centro, sul e sudeste do país) e terras de preto (mais ao nordeste e norte), que também começa a penetrar o meio urbano, dando nova tradução a um leque variado de situações que vão desde antigas comunidades negras rurais atingidas pela expansão dos perímetros urbanos até bairros no entorno dos terreiros de candomblé. (Arruti, 2006, p. 26).

A partir de seu reconhecimento como “comunidade remanescente de quilombo” e, para assegurar os direitos constitucionais previstos, foram agregadas, inicialmente, as comunidades de Brejo dos Crioulos - nos limites dos municípios de São João da Ponte e Varzelândia -, Matrona - no município de Salinas -, Peruaçu - no município de Januária - e Serra das Araras - no município de Chapada Gaúcha (Brasil, 2000) - que passaram a ser reconhecidas como comunidades tradicionais. Conforme Diegues, as comunidades,

[...] estão relacionadas com um tipo de organização econômica e social com reduzida acumulação de capital, não usando força de trabalho assalariado. Nela produtores independentes estão envolvidos em atividades econômicas de pequena escala, como agricultura e pesca, coleta e artesanato. Economicamente, portanto, essas comunidades se baseiam no uso dos recursos naturais renováveis [...] Seus padrões de consumo, baixa densidade populacional e limitado desenvolvimento tecnológico fazem com que sua interferência no meio ambiente seja pequena [...]. (Diegues, 1996, p. 87).

Em 2003, após grande pressão política por parte das comunidades quilombolas e dos centros de referências e movimentos étnico-raciais, o então presidente da República do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, assinou o Decreto n.º 4.887, composto de 25 artigos, referente ao reconhecimento e à identificação das comunidades quilombolas que substituiu o Decreto n.º

3.912 e a Instrução Normativa n.º 16/2004 do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Transcrevemos aqui os artigos dois e três, respectivamente, que caracterizam tais comunidades, conforme Decreto 4.887/ 2003:

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critério de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotado de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com resistência e opressão histórica [...]. Para a medição e demarcação das terras, serão levados em consideração critérios de territorialidade indicados pelos remanescentes das comunidades dos quilombos, sendo facultado à comunidade interessada apresentar as peças técnicas para a instrução procedimental. Compete ao Ministério do Desenvolvimento Agrário, por meio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, a identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas pelos remanescentes das comunidades dos quilombos, sem prejuízo da competência concorrente dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. (Brasil, 2003).

Os membros da comunidade buscam manter sua cultura e seus costumes, nas questões religiosas têm seus festejos e rituais, que são em sua maioria católicos. Entre esses festejos, celebram as folias de reis, festas dos santos da igreja, fazem novenas e trezenas que são festejadas ao som do batuque – instrumento de percussão tipicamente africano, o qual embala as danças sempre em pares.

Além dos movimentos religiosos voltados para o catolicismo notou-se também um avanço considerável no que diz respeito aos protestantes neopentecostais. Sobre as religiões de matriz africana existe um silenciamento total dentro da comunidade, que nega a existência da mesma dentro de seu território. Após descrição sucinta sobre o objeto desta investigação, passaremos ao fenômeno estudado a partir da Teoria Variacionista.

REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo da Sociolinguística Variacionista baseia-se em coleta de dados reais de falas espontâneas produzidas por falantes reais, em situações reais de uso, captadas pelo procedimento das entrevistas sociolinguísticas, buscando observar os padrões de comportamento linguístico dentro de uma comunidade de fala. Segundo Labov (2008), “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua.” (Labov, 2008, p. 188). Ainda de acordo com esse autor, “os membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando encontramos variação altamente

estratificada na fala real.” (Labov, 2008, p. 225).

Mollica relatou que

[...] a Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (Mollica, 2008, p. 9).

Do mesmo modo Cezário e Votre (2008) dizem que a Sociolinguística é

[...] uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente de contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação (Cezário; Votre, 2008, p. 141).

Assim, para a Sociolinguística, quaisquer processos de mudanças contemporâneas que ocorrem na comunidade de fala são fundamentais.

Labov (2008) postula que a língua é constituída de um sistema não homogêneo, no qual é possível perceber muitas variações. Esse modelo teórico proposto por Labov (2008) se pauta na relação língua-sociedade e entende a língua como um sistema de regras variáveis, em que a atualização das regras dependerá das circunstâncias linguísticas e não linguísticas em que o falante de uma comunidade estiver inserido. Para Labov (2008), a língua é uma forma de comportamento social, a manifestação da maneira de conviver de pessoas que vivem em uma determinada comunidade social, de modo que não há diferença entre Linguística e Sociolinguística, pois, segundo ele, a língua só pode ser concebida em interação, dentro de um contexto social.

A Sociolinguística postula que as línguas variam e mudam em razão de fatores internos e externos que nelas interferem. As mudanças linguísticas ocorrem a partir da escolha dos falantes de formas alternantes, ou seja, é sempre precedida de variação; contudo, o fato de formas alternantes ocorrerem em um mesmo tempo não quer dizer que culminarão em mudança, sendo que as formas variantes podem flutuar por tempo indeterminado. Em razão desses dois aspectos da língua, a Sociolinguística Variacionista ocupa-se das duas vertentes, a mudança e a variação linguística.

A variação linguística pode ocorrer devido aos falares diferentes que ocorrem em razão

de a fala, geralmente, espontânea, livre e autônoma, ser utilizada para expressar emoções, ideias e propósitos. Pode ainda ser orientada pela visão de mundo, pelas influências sociais, históricas e culturais a que o falante está exposto. A partir desse contexto de dinamicidade da língua falada, surge a variação linguística, que pode ser entendida como um conjunto de variáveis presentes em uma língua: “O termo ‘variável’ pode significar fenômeno em variação e grupo de fatores. Estes consistem nos parâmetros reguladores dos fenômenos variáveis, condicionando positiva ou negativamente o emprego de formas variantes.” (Mollica, 2008, p. 11).

De acordo com Mollica (2008)

As variantes podem permanecer estáveis nos sistemas (as mesmas formas continuam se alternando) durante um período curto de tempo ou até por séculos, ou podem sofrer mudança, quando uma das formas desaparece. Neste caso, as formas substituem outras que deixam de ser usadas, momento em que se configura um fenômeno de mudança em progresso. (Mollica, 2008, p. 11).

Segundo Monteiro (2000, p. 59), a variável “pode ser entendida como duas ou mais formas variantes que possuam o mesmo significado referencial ou denotativo” e que sejam “idênticas quanto à referência ou valor de verdade, mas opostas em sua significação social e/ou estilística”. Em outras palavras, “cada uma das formas de realizar a mesma coisa” denomina-se variante linguística (Calvet, 2002, p. 90). Já a expressão “variáveis linguísticas” equivale ao “conjunto constituído pelos diferentes modos de realizar a mesma coisa (um fonema, um signo...)” (Calvet, 2002, p. 90). E ainda: “Variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística”, ensina Tarallo (2004, p. 8).

As variáveis linguísticas podem se apresentar como dependentes e independentes. Na visão laboviana, as variáveis linguísticas podem ser analisadas de formas distintas:

- a) como variáveis dependentes, que se realizam por interferência de outros fatores;
- b) como variáveis independentes, que podem ser vistas como fenômenos que interferem no uso da variável dependente, que podem não apenas ser linguísticos, mas também sociais.

A ocorrência de variações atinge os vários níveis da gramática: fonológico, morfológico, sintático e semântico. Segundo Martelotta (2011):

[...]diante de um fenômeno de variação, o pesquisador procura, através da análise de diversos fatores linguísticos e extralinguísticos, saber se se trata de variação estável ou de mudança em progresso. Duas ou mais formas de se dizer algo com valor semelhante são consideradas caso de variação. Se tal variação se mantiver bem delimitada por grupos dialetais (regionais ou sociais), dizemos que a variação é estável. Por exemplo,

peessoas de classes mais elevadas e de escolaridade alta usam mais a forma A, de prestígio; e pessoas de classes mais baixas com baixa escolaridade usam com frequência a forma B, sem prestígio. Caso a forma anteriormente sem prestígio comece a ser usada na fala de pessoas com alto grau de escolaridade com frequência cada vez mais alta, isso pode ser um indício de mudança em curso. (Martelotta, 2011, p.48).

A partir da variação em um dado tempo, é perceptível, em intervalos de tempo distintos, a seleção de um elemento linguístico em detrimento do outro, constituindo, assim, a mudança linguística, o que confirma a dinamicidade das línguas. Mas Tarallo (2004, p. 63) explica que “nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação”. Levando em conta o estudo clássico de Weinreich, Labov e Herzog (2006), Cezário e Votre (2008), quando analisam o fenômeno das mudanças linguísticas, consideram:

[...] os fatores limitadores da mudança (e variação), que podem ser sociais ou linguísticos; o encaixamento da mudanças no sistema linguístico e social da comunidade; a avaliação das mudanças em termos dos possíveis efeitos sobre a estrutura linguística e sobre a eficiência comunicativa; a transição, momento em que há mudanças intermediárias; a implementação da mudança: estudo dos fatores responsáveis pela implementação de uma determinada mudança; explicação para o fato de a mudança ocorrer numa língua e não em outras, ou na mesma língua em outros momentos. (Cezário; Votre, 2008, p. 149-150).

Para compreendermos a mudança linguística, faz-se necessário compreender o aspecto dinâmico que ocorre no interior das línguas, o que torna a mudança uma consequência inevitável. Assim, velhas e novas formas variantes rivalizam-se em um mesmo tempo, e essa alternância pode representar uma transição para outro estado da língua. Essa transição pode ser percebida, principalmente, no controle social da variação, na sua distribuição pelos diferentes estratos sociais da população analisada (Paiva; Duarte, 2006, p. 139).

Compreendemos que a variação e a mudança são contextualizadas, constituindo o conjunto de parâmetros um complexo estruturado de origens e níveis diversos. Vale dizer que “os condicionamentos que concorrem para o emprego de formas variantes são em grande número, agem simultaneamente e emergem de dentro ou de fora dos sistemas linguísticos” (Mollica, 2008, p. 11).

Pesquisar o desenvolvimento diacrônico da língua a partir de análises sincrônicas ganhou impulso na pesquisa linguística com o trabalho de William Labov, na década de 1960, na ilha de Martha's Vineyard (1963) e na cidade de Nova York (1966). Labov (2008) concebia a variação linguística como fenômeno sistemático que se dava através do entrelaçamento de fatores linguísticos e sociais, o que contrariava os estruturalistas americanos, já que estes afirmavam que a observação da mudança linguística não deveria ser feita em seu processo de implementação,

mas apenas em seus resultados. Por isso, buscou-se apreender o tempo real, no qual ocorre o desenvolvimento diacrônico da língua, e o tempo aparente, uma espécie de projeção. A ideia crucial do tempo aparente é que “as diferenças no comportamento linguístico de gerações diferentes de falantes num determinado momento refletiriam diferentes estágios do desenvolvimento histórico da língua” (Chambers; Trudgil, 1980, p. 165). Estes autores mostraram que:

A validade do [tempo aparente] depende crucialmente da hipótese de que a fala das pessoas de 40 anos hoje reflete diretamente a fala das pessoas de 20 anos há 20 anos atrás e pode, portanto, ser comparada com a fala das pessoas de 20 anos de hoje, para uma pesquisa da difusão da mudança linguística. As discrepâncias entre a fala das pessoas de 40 e 20 anos são atribuídas ao progresso da inovação linguística nos vinte anos que separam os dois grupos. (Chambers; Trudgill, 1980, p. 165).

A comparação da linguagem de pessoas de diferentes faixas etárias pode revelar diferentes estágios de uma língua. As diferentes faixas etárias relacionadas ao uso das variantes linguísticas podem indicar que mudanças linguísticas estão ocorrendo. Essas evidências foram denominadas de tempo aparente por Labov (2008). No entanto, o estudo da mudança é mais satisfatório se os fenômenos forem investigados no tempo real, através da comparação da linguagem da mesma amostra em dois pontos diferentes no tempo.

No estudo com o tempo real, comparamos a maneira como as pessoas falam, em um ponto no tempo, com a maneira como elas falam de outro ponto no tempo. Distanciados por uma década, ou de uma geração, ou de cem anos mais tarde. Olhamos para a variação dentro das comunidades ao longo de um período de muitos anos (até mesmo de séculos). Já no estudo com o tempo aparente, basta comparar o discurso dos indivíduos de diferentes idades em um ponto no tempo e em uma comunidade de fala.

Reportamos a Meyerhoff que advoga que:

O estudo da variação e mudança linguística em tempo aparente envolve falantes de amostragem de diferentes idades e comparação da frequência de uma variante no discurso de gerações sucessivas. O Tempo Aparente é uma forma de simulação e modelagem de mudanças em tempo real, usando dados sincrônicos. (Meyerhoff, 2006, p. 133, tradução nossa).³

Os sociolinguistas vêm tentando traçar um perfil da mudança em progresso e um perfil

³ Apparent time studies of variation and change involve sampling speakers of different ages and comparing the frequency of a variant in the speech of successive generations. Apparent time is a way of simulating and modelling real time change using synchronic data.

da variação estável através da combinação dos resultados das variáveis sociais. Isto porque os fatores sociais (*sexo, faixa etária, grau de instrução, nível socioeconômico, redes sociais* etc.) têm desempenhado um papel importante na formulação de princípios gerais de variação, e eles, às vezes, podem ajudar a prever a direção e o caminho da mudança linguística. É nesse sentido que também analisamos a fala de nossos informantes. Para isso, algumas considerações sobre as variáveis sociais são necessárias.

METODOLOGIA

Para a constituição da amostra, foram levados em consideração os grupos de fatores sociais independentes *sexo, faixa etária, grau de instrução e nível de contato urbano*, como fatores que podem interferir nos fenômenos linguísticos foco deste estudo. Foram selecionados 24 (vinte e quatro) indivíduos⁴, cujas falas foram gravadas em seções de entrevistas sociolinguísticas controladas.

Após selecionar os 24 informantes, transcrevemos as falas e em conformidade com as normas do Projeto Norma Urbana Oral Culta de São Paulo (NURC/SP). Os itens lexicais com vogais nasalizadas foram identificados e transcritos foneticamente. Utilizamos para tanto o Alfabeto Fonético Internacional (IPA). Foram levantados 43 dados dos quais constituem o *corpus* desta pesquisa. Em seguida, procedeu-se a uma análise qualitativa dos dados, de modo a codificá-los em função das variáveis dependentes e das variáveis independentes estabelecidas.

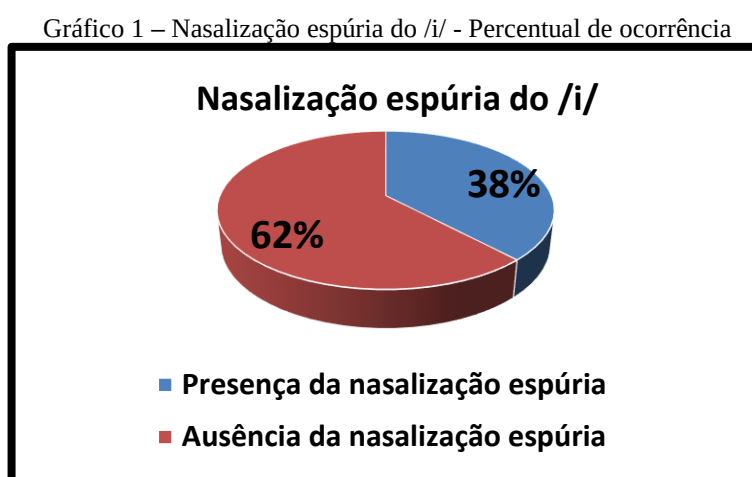
Por fim, foi utilizado o Goldvarb 2001, uma versão do pacote de programas VarbRul (Programa de Regras Variáveis), para ambiente *Windows* que é constituído por “[...] um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (Guy; Zilles, 2007, p. 105). O VarbRul calcula a porcentagem e o peso relativo de cada fator em relação à variável dependente considerada.

Para a variável dependente da nasalização espúria, selecionamos duas variáveis linguísticas independentes: *segmento precedente* e *vogal alvo*. E para as variáveis sociais: *sexo, faixa etária, grau de instrução e nível de contato urbano*.

⁴ O *corpus* dessa pesquisa foi cedido gentilmente pela pesquisadora professora Dr.^a Maria do Socorro Vieira Coelho, que em sua tese de doutorado pesquisou sobre a língua, história e cultura dos quilombolas gurutubanos.

ANÁLISE DOS DADOS

De acordo com os dados coletados, temos, em termos percentuais, 38% de ocorrência do fenômeno a nasalização espúria do /i/, caracterizada pela falta de contexto favorecedor à nasalização dessa vogal, como em “educado” [e]ducado ~ [ʋ®]ducado e “igreja” [ɪ]greja ~ [ʋ®]greja, como observamos no Gráfico 1, a seguir.



Fonte: Elaborada pelos próprios autores.

Como podemos observar através do Gráfico 1, os gurutubanos nasalizam a vogal [ɪ] em posição pretônica numa frequência de 38% dos casos, como em “igual” [ʋ®]gual e “igreja” [ʋ®]greja.

De acordo com a rodada do VarbRul (Goldvarb, 2001), vejamos os fatores que influenciam na nasalização espúria: *segmento precedente, vogal alvo, faixa etária, nível de contato urbano, sexo, grau de Instrução*.

Vejamos a Tabela 1, a seguir.

Tabela 1 – Nasalização espúria - Segmento precedente

Fatores	Ocorrências/total	Porcentagem	Peso relativo
Vogal nasal	5/7	71%	0,983
Contexto inicial	4/7	57%	0,703
Consoante oral	2/8	25%	0,414
Vogal oral	5/21	23%	0,181

Fonte: Elaborada pelos próprios autores.- Input: 0,290 Significance: 0,000

O contexto favorecedor do processo de nasalização espúria é o contexto inicial como em [ʋ®]gual. Os segmentos orais precedendo o /i/ na mesma palavra não favorecem o processo

(como em “cortar igual” e “a igreja”). Um segmento nasal precedente, em outra palavra, pode contribuir para acelerar o processo ou dar mais força a ele como em “tem [ṽ]greja”. Vejamos a Tabela 2, a seguir.

Tabela 2 – Nasalização espúria - Vogal alvo			
Fatores	Ocorrências/total	Porcentagem	Peso relativo
Vogal [i]	15/37	40%	0,822
Vogal [E]	1/6	16%	0,169

Fonte: Elaborada pelos próprios autores.- Input: 0,290 Significance: 0,000

Conforme a Tabela 2, as vogais [E] e [ɪ] foram as únicas envolvidas no processo variável de nasalização espúria. Somente a vogal [i] favorece o processo, com PR 0,822 como em “igreja” [ṽ]greja. Ao contrário da vogal [E], que se realiza foneticamente como [ɪ] desfavorece o fenômeno, como em “educado” [ṽ]ducado, com PR 0,169.

A seguir, a análise das variáveis sociais independentes do processo de nasalização espúria.

Tabela 3 – Nasalização espúria - Sexo			
Fatores	Ocorrências/total	Porcentagem	Peso relativo
Feminino	12/29	41%	0,804
Masculino	4/14	28%	0,051

Fonte: Elaborada pelos próprios autores.- Input: 0,290 Significance: 0,000

A Tabela 3 mostra que o sexo feminino favorece o processo de nasalização espúria do /ɪ/, com PR 0,804, enquanto que o sexo masculino desfavorece o processo em questão com PR 0,051. Nessa perspectiva, Paiva (2008), ao analisar a interferência do sexo na variação, pontua sobre o valor social da variante inovadora, e afirma:

Um processo de mudança pode ser a instalação de uma forma prestigiada socialmente ou de forma estigmatizada, que infringe padrões linguísticos vigentes. A distinção entre esses dois tipos de mudança permite definir com maior clareza o papel da variável gênero/sexo nos processos de mudança. Quando se trata de implementar na língua uma forma social prestigiada, [...] as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança. Ao contrário, quando se trata de implementar uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a liderança. (Paiva, 2008, p. 38).

Os trabalhos de Labov (2008), entre outros, constataram que os fenômenos referentes a formas padrão são encontrados nas falas das mulheres, e que os homens utilizam menos as formas não padrão (Paiva; Silva, 1998, p. 16).

Vejamos a Tabela 4.

Tabela 4 – Nasalização espúria - Grau de instrução

Fatores	Ocorrências/total	Porcentagem	Peso relativo
Sem acesso ao ensino	6/11	54%	0,946
Sete anos ou mais de acesso ao ensino	1/2	50%	0,972
Até seis anos de acesso ao ensino	6/21	14%	0,256
Até um ano de acesso ao ensino	3/9	33%	0,146

Fonte: Dados da pesquisa - *Input*: 0,290 *Significance*: 0,000

Os indivíduos sem acesso ao ensino (PR 0,946) e os com mais de seis anos de acesso ao ensino (PR 0,972) favorecem a ocorrência do fenômeno da nasalização espúria. Por terem um contato maior com a cultura letrada e com o uso da variedade padrão da língua, supomos que, em geral, falantes com grau de instrução mais elevado produzirão formas padronizadas da língua, não produzindo, portanto, o fenômeno da nasalização espúria.

Desse modo, os resultados encontrados na variável social grau de instrução refutaram a nossa hipótese de que os indivíduos com mais acesso ao ensino não favorecem o processo. Percebemos que mais ou menos acesso ao ensino é indiferente ao uso da nasalização espúria do /i/. Nesse caso, o indivíduo não marcou a sua fala conforme o aspecto normativo aprendido na escola.

Assim sendo, em relação ao processo da nasalização espúria, verifica-se que o fenômeno não é sensível ao grau de instrução, diferente do que se verificou quanto ao sexo, variável extralinguística cujo fenômeno se mostra sensível.

Passemos agora a analisar as variáveis sociais do processo de nasalização espúria.

A Tabela 5 aponta que as gerações 1 (16 a 28 anos), 3 (46 a 59 anos) e 4 (60 anos acima) favorecem o fenômeno da nasalização espúria (com PR 0,860, 0,685 e 0,986, respectivamente), enquanto que a Geração 2 (29 a 45 anos) desfavorece o processo.

Tabela 5 – Nasalização espúria - Faixa etária

Fatores	Ocorrências/total	Porcentagem	Peso relativo
Geração 4 (60 anos acima)	06/10	60%	0,986
Geração 1 (16 a 28 anos)	01/02	50%	0,860
Geração 2 (29 a 45 anos)	06/22	27%	0,081
Geração 3 (46 a 59 anos)	03/09	33%	0,685

Fonte: Elaborada pelos próprios autores. - *Input*: 0,290 *Significance*: 0,000

O que podemos observar a partir desses dados, é que na comunidade quilombola gurutubana, o fenômeno da nasalização espúria do /i/, em termos de faixa etária é altamente

estável e contínua. Assim, isso parece ser um traço gurutubano, que tende a permanecer.

Tabela 6 – Nasalização espúria - Nível de contato urbano

Fatores	Ocorrências/total	Porcentagem	Peso relativo
Menor contato	9/20	45%	0,562
Maior contato	7/23	30%	0,435

Fonte: Elaborada pelos próprios autores.- *Input: 0,290 Significance: 0,000*

Conforme a Tabela 6, os indivíduos com maior contato urbano não favorecem o processo de nasalização espúria (com PR 0,435); ao contrário dos indivíduos que possuem menor contato urbano, os quais favorecem o fenômeno (com PR 0,562).

Tal fato condiz com a hipótese de que, quanto maior for o contato urbano, maior será a probabilidade de esses indivíduos modificarem a sua língua de origem. Os dados da Tabela 6 mostram que a nasalização espúria do /ɪ/ é, pois, marca dialetal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os grupos de fatores analisados para esta variável da nasalização espúria foram: segmento precedente, categoria gramatical, vogal alvo, sexo, grau de instrução, faixa etária e nível de contato urbano.

O resultado para o segmento precedente mostrou que o fenômeno é favorecido quando a vogal [ɪ] estiver em contexto inicial. Também um segmento nasal, quando precedente, em outra palavra, pode contribuir para acelerar o processo de nasalização espúria do /ɪ/. Tais resultados corroboraram, parcialmente, a nossa hipótese inicial de que a vogal nasal em posição intervocabular favorece a nasalização espúria. O fator linguístico vogal alvo apontou que a vogal [ɪ] favorece a nasalização espúria, tal qual ocorre na nossa hipótese inicial.

A hipótese dos homens favorecerem o fenômeno da nasalização espúria foi refutada, já que o resultado mostrou que as mulheres favoreceram o processo. A variável linguística grau de instrução mostrou que o processo de nasalização espúria aparece na fala dos informantes com maior ou menor grau de instrução, o que refuta a hipótese de que os informantes com baixo grau de instrução favoreceriam o processo. O resultado da variável faixa etária seria encontrado com maior frequência na fala dos idosos, visto que o resultado mostrou a faixa etária jovem e idosa como favorecedoras do fenômeno.

Os moradores da comunidade que possuem menor contato urbano tendem a usar o

fenômeno foi confirmada. O resultado mostrou que o informante com menor contato urbano tende ao processo de nasalização espúria, o qual é característica do dialeto quilombola gurutubano. Contudo, o fato de não serem todos os itens lexicais iniciados pela vogal [ɪ] passíveis de nasalização (p. ex. idade, idoso) aponta para a possibilidade de essa mudança sonora ser um fenômeno que opera no nível lexical, afetado pelos efeitos de frequência (de tipo e de ocorrência)⁵ dos itens lexicais que atuam em sua implementação.

A nasalização espúria do /ɪ/, cujos resultados mostram que o fenômeno, na comunidade pesquisada, é contínuo e estável. No processo de nasalização espúria do [ɪ], no qual as mulheres são indiscutivelmente as maiores favorecedoras do fenômeno, ou seja elas tendem a conservar mais os traços de fala gurutubanos, o que condiz com o pressuposto sociolinguístico de que são elas conservadoras no que se refere à fala.

A pesquisa buscou contribuir para os estudos linguísticos do Brasil como um todo, mas, em especial, para os do Norte de Minas Gerais. Para isso, identificamos e descrevemos as variáveis dependentes e analisamos os fatores linguísticos e sociais que explicaram a presença dos fenômenos que investigados.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**: gramática, vocabulário. 3 ed. Prefácio de Paulo Duarte. São Paulo: Hucitec; Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CEZÁRIO, Maria Moura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- COSTA FILHO, Aderval. **Os gurutubanos**: territorialização, produção e sociabilidade em um quilombo do centro norte-mineiro. 2008. 293f. Tese (Doutorado). Instituto de Ciências Sociais. Universidade de Brasília, Brasília-DF.

⁵Frequência de tipo: número de unidades linguísticas diferentes pertencentes a um padrão linguístico particular; frequência de ocorrência: número de ocorrência de uma unidade linguística específica em um *corpus*, amostra, padrão linguístico ou categoria. (Labov-2008)

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa** – instrumento de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MEYERHOFF, M. **Introducing sociolinguistics**. New York: Routledge, 2006.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2008.

MONTEIRO, José Lemos. **Para Compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

PAIVA, M. C.; SILVA, G. M. O. A. Visão de Conjunto das Variáveis Sociais. In: SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. (Org.). **Padrões sociolinguísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998, p. 335-378.

PAIVA, M. C. A.; DUARTE, M. E. L. Quarenta anos depois a herança de um programa na sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Trad. Marcos Bagno. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2008.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.